

## Resenha

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2026.v32.51323>

### A identidade cultural na pós-modernidade

*The question of cultural identity*

*La identidad cultural em la posmodernidad*

Michele Karina Franco\*

<https://orcid.org/0009-0007-8288-6835>

Resenha do livro: Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2024.

#### Como citar esta resenha:

Franco, Michele Karina. “Resenha do livro: *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall”. Locus: Revista de História, 32, n. 1 (2026): 307-311.

\*\*\*

A presente resenha resgata um texto clássico do sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (1932-2014), pioneiro nos estudos sobre cultura e multiculturalismo. A obra aqui apresentada tem como referência sua 12ª edição traduzida para o português, em 5ª reimpressão realizada no ano de 2024 pela editora Lamparina, Rio de Janeiro.

Consideramos que o estudo de Hall continua sendo uma importante referência para a temática, ao trazer para a discussão a ideia de identidade cultural nacional. E para refletirmos sobre a construção dessa dinâmica e seus impactos nos processos transnacionais, linguísticos e políticos

---

\* Assistente Social e pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Seguridade e Assistência Social (NEPSAS-PUC/SP), doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) com período sanduíche junto a Universidade dos Açores de Portugal. Mestra em Políticas Públicas pela Universidade Federal do ABC (UFABC/SP). Juventudes: negritude, educação e socioeducação (2024). Interseccionalidade na América Latina. Raça, classe, identidades de gênero e sexualidades: Entre memórias e trajetórias (2025). E-mail: millakf.franco@gmail.com.

no mundo, a formação da identidade e nacionalidade portuguesa apresenta-se como um exemplo bastante pertinente para essa leitura histórica.

Segundo Onésimo Teotônio Almeida (2022), escritor português açoriano, inspirado em seu conterrâneo do século XIX Antero de Quental, Portugal teria passado da decadência à regeneração, a partir de três erros: “a aventura ultramarina, o regresso ao antigo regime político-cultural autoritário absoluto e o fechar-se num modelo econômico tradicional” (Almeida 2022, 26), correspondendo a versão positiva dos famosos três *D* da Revolução dos Cravos de 25 de Abril, que Portugal segue a tentar construir culturalmente na história da nação – *Descolonizar, Democratizar, Desenvolver* (Almeida 2022).

Trazemos esse breve recorte histórico introdutório para uma aproximação reflexiva à teoria da identidade de Stuart Hall, a qual pode auxiliar não apenas a pensarmos a formação da identidade portuguesa, mas também a brasileira, fruto dessa relação ultramarina, bem como na compreensão da construção das identidades culturais pelo mundo.

O livro de Hall está organizado em seis capítulos, divididos em duas partes. A primeira (capítulos 1 e 2) é dedicada à reflexão sobre as noções de identidade e sujeito na história; a segunda (capítulos 3 ao 6) dedica-se à discussão da construção de *identidades culturais* – “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (Hall 2024, 9, grifos originais).

Para Hall, as mudanças recentes nas estruturas das sociedades geraram mudanças também nas nossas identidades pessoais, alterando a ideia de sujeitos integrados que temos de nós mesmos. Isso geraria em nós, de acordo com o autor, um deslocamento ou ‘descentramento’ do sujeito, uma perda de “sentido de si”, tanto de seu lugar no mundo quanto de si mesmos, constituindo assim numa “crise de identidade”.

Quando o estudioso percorreu sobre o assunto, sustentava que a opinião era dividida na comunidade sociológica da época, uma provocação que podemos trazer aos tempos atuais. Afinal, não seria a própria modernidade a estar sendo transformada nesse mundo chamado pós-moderno, em que seríamos também “pós”, sobretudo desde o Iluminismo, que buscava definir de forma essencialista a concepção e fundamentação de nossa existência como ser humano no mundo?

Em seu estudo, Hall apresenta três concepções muito diferentes de identidade: a) do sujeito do Iluminismo: baseado na ideia de um sujeito centrado de forma unificada ao longo de sua existência, dotado de capacidades de razão, consciência e ação, centrado em si mesmo, numa concepção de identidade masculina e individualista.; b) o sujeito sociológico: baseado na compreensão interacionista que o sujeito não é assim tão autônomo e autossuficiente, mas que se

forma e constitui na relação com os outros, em um campo simbólico de mediação de valores e sentidos (cultura), uma concepção mais histórica e presente na sociologia clássica e c) o sujeito pós-moderno: cuja identidade não é fixa, mas transformada continuamente em relação as formas que o sujeito é representado ou interpelado nos sistemas culturais, segundo o autor, “é definida historicamente, e não biologicamente” (Hall 2024, 12), pois, num mesmo indivíduo pode haver diferentes identidades em momentos diferentes e em constante deslocamento.

Para o pesquisador, outro ponto importante sobre a identidade está relacionado a própria mudança na modernidade tardia, relacionado ao processo de “globalização”, que teria impacto direto sobre a identidade cultural. O autor, com base em Karl Marx, Anthony Giddens e David Harvey, explica que as sociedades modernas são marcadas por transformações constantes e permanentes, uma realidade que as distingue das sociedades tradicionais. Afinal, de acordo com Giddens, nas sociedades tradicionais, a forma de se perpetuar a experiência das gerações ocorria por meio da tradição, dos símbolos e das práticas recorrentes de valorização do passado.

Essas transformações, nas sociedades da modernidade tardia, “são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (Hall 2024, 14, grifos originais). Esse cenário gera, o que o autor vai enfatizar na sua obra, de descontinuidades e deslocamentos que afetam a vida dos sujeitos. Como consequências *políticas* dessa fragmentação e “pluralização” de identidades, emergem novas identificações impulsionadas por movimentos sociais, tais como o feminismo, lutas negras, libertação nacional e ecológicos.

Essa discussão sobre identidade e processos identitários é objeto de análise do pesquisador brasileiro Douglas de Barros (2024), que fala da identidade como uma ilusão necessária, construída a partir do simbólico e das condições de produção e reprodução da vida social. Para o autor, o problema da identidade não reside no fato de ela ser uma ilusão – haja vista essa ilusão servir de impulso para que o sujeito busque sentido de ação na sua vida. O problema está, como aponta Barros, quando a identidade é instrumentalizada pela gestão social e imposta de forma aprisionante às pessoas e a seus corpos. Aliás, o colonialismo europeu é um exemplo histórico disso, ao ignorar, reduzir e exterminar as experiências de vida das pessoas que viviam além-mar, impondo novos processos classificatórios.

A forma como o sujeito é representado ou interpelado na sociedade transforma sua identidade. Stuart Hall descreve as rupturas históricas pelas quais o indivíduo passou desde o período renascentista – a partir de uma ordem divina e secular das coisas – até o nascimento de um “indivíduo soberano” do século XVI ao Iluminismo do século XVIII. Essas concepções marcam

processos na estruturação do mundo moderno, transitando da ideia do “sujeito cartesiano” do passado ao “sujeito sociológico” da modernidade tardia capitalista. O colapso da antiga ordem social, econômica e religiosa medieval nos trouxe uma nova noção de individualidade.

Stuart Hall explica sobre essa fragmentação e deslocamento das identidades a partir de um processo de ruptura nos discursos do conhecimento moderno ocorrido na segunda metade do século XX, o qual ele denomina “descentramento”, sintetizado em “cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos no pensamento, no período da modernidade tardia” (Hall 2024, 22). O primeiro descentramento estaria no pensamento marxista, que coloca as relações sociais no modo de produção capitalista no centro da discussão. O segundo está nas contribuições da psicanálise, em Freud e Lacan, na descoberta do “inconsciente” e na estruturação dos nossos desejos para construção das identidades. O terceiro, Hall (2024) associa ao trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure, não somos os autores das afirmações que fazemos, pois a língua é preexistente a nós. O quarto descentramento está associado ao pensamento de Michel Foucault, com destaque para a ideia de “poder disciplinar” como forma de vigilância, disciplinamento e regulação dos corpos e dos sujeitos. O quinto e último descentramento é associado pelo autor ao impacto do feminismo, “tanto como crítica teórica quanto como um movimento social”. Esse movimento, que emergiu durante os anos 1960 como um grande marco da modernidade tardia, impactou os processos de construção de novas identidades, contribuindo para politização da subjetividade ao colocar em questão o “público” e “privado”, além de abrir campos importantes de contestação política sobre a família, sexualidade, trabalho doméstico, cuidado com as crianças, entre outros.

Na segunda e última parte do livro, Hall se dedica a discussão da identidade cultural nacional desse “sujeito fragmentado”, sustentando que, no mundo moderno, “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (Hall 2024, 29). Elas fazem parte da modernidade tardia, em substituição a um processo de lealdade e identificação que antes, nas sociedades tradicionais, acontecia pelas tribos, religião ou regiões.

Vivemos hoje sob a ideia e identificação de Estados-nação, e Stuart Hall ajuda-nos a compreender a identidade cultural moderna como uma construção simbólica que produz sentidos de pertencimento, a influenciar na formação das culturas e identidades nacionais. O pensador explica que as nações modernas são culturalmente híbridas e questiona as identidades baseadas na biologiação da raça – entendida como uma categoria discursiva marcada por relações de poder e racismo historicamente naturalizadas. Ao abordar os impactos da globalização, Hall destaca a

aceleração dos processos sociais e a tensão entre o global e o local, apontando que as identidades nacionais não desaparecem, mas se transformam, de maneira desigual e contraditória.

Nesse sentido, as identidades tornam-se múltiplas, dinâmicas e marcadas por relações desiguais de poder. A obra contribui significativamente para a compreensão dos desafios das sociedades contemporâneas, uma vez que questiona visões universalizantes do sujeito, valoriza a diversidade cultural e reflete sobre os impactos do nacionalismo, das migrações e dos processos globais na construção das identidades culturais pelo mundo.

### **Referências bibliográficas:**

Almeida, Onésimo Teonónio. “Ou algumas reflexões sobre um grande clássico do pensamento português. Prefácio”. Em *Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos*, Antero de Quental, 7-26. 2<sup>a</sup> ed. Óbidos, Portugal: Editora Artes e Letras, 2022.

Barros, Douglas. *O que é identitarismo?* São Paulo: Boitempo, 2024

Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2024.

\*\*\*

Recebido: 08 de janeiro de 2026

Aprovado: 19 de junho de 2026